
Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade do Estado do Pará
Belém-Pará- Brasil



Revista Cocar. Edição Especial. N.25/2024 p.1-15 ISSN: 2237-0315
Dossiê: Infâncias e diversidades: crianças, culturas, educação e políticas públicas

As ações de cuidado e as infâncias na creche: apontamentos extraídos das vozes das professoras de bebê

Care actions and childhoods in daycare facilities: notes extracted from the voices of baby female teachers

Celi da Costa Silva Bahia
Solange Mochiutti
Margarida Maria de Almeida Rodrigues da Silva
Universidade Federal do Pará (UFPA)
Belém-Brasil

Resumo

Este artigo trata sobre as infâncias vividas pelos bebês na creche frente às ações de cuidado mediante as vozes de professoras de berçário. Elegemos, na abordagem Pikler, Tardos e Szanto (2021), Appell e David (2021) e Falk (2022), além de Guimarães (2008) Coutinho (2012) e Duarte (2012) que enfatizam as relações entre o adulto e o bebê nas ações de cuidados. Adotamos na metodologia Freire (1996, 2011) e Ibiapina (2008). Para a análise, utilizamos os registros de dez encontros formativos realizados em 2019, que foram gravados, transcritos e depois sistematizados com base em Bardin (2002). Como resultado, admitimos que a infância vivida pelos bebês na creche está intimamente ligada à compreensão de quem são e como se desenvolvem, por isso as situações de cuidado devem ser estudadas e valorizadas no cotidiano da creche.

Palavras-Chave: Creche; Bebê; Infâncias; Cuidado.

Abstract

This paper deals with the childhoods experienced by babies in a daycare center concerning care actions through the voices of nursery female teachers. We approached the theme with Pikler Tardos and Szanto (2021), Appell and David (2021) and Falk (2022), besides Guimarães (2008) Coutinho (2012) and Duarte (2012) who emphasize the relationships between the adult and the baby in the actions of care. Regarding the methodology, we adopted Freire (1996, 2011) and Ibiapina (2008). For the analysis, the records of ten training meetings held in 2019 were used. Those meetings were recorded, transcribed and then systematized grounded on Bardin (2002). As a result, we admit that the childhood experienced by babies in daycare facilities is closely connected to the understanding of who they are and how they develop. Therefore, care situations must be studied and valued in the daily life of daycare centers.

Keywords: Daycare facilities; Baby; Childhoods; Care.

Introdução

Diante da importância educativa que envolve ações de cuidado na creche e a centralidade que as relações ocupam nessas ações, refletiremos sobre as infâncias vividas pelos bebês no cotidiano do referido espaço, considerando as vozes das professoras. Como suporte teórico para essa discussão, apoiamos-nos, dentre outros autores, em Guimarães (2008), Coutinho (2012) e Duarte (2012). Na abordagem Pikler, elencamos Tardos e Szanto (2021), Appell e David (2021) e Falk (2022), por evidenciarem a importância das relações entre o adulto e o bebê nos momentos de cuidados. Esses momentos são vistos como oportunidades preciosas, nos quais o adulto pode observar e compreender as necessidades e os desejos do bebê e, a partir daí, estabelecer com ele um vínculo seguro e estável.

Cuidado diz respeito à organização de práticas e rotinas para os bebês, realizadas pelo adulto, a partir da observação das singularidades dos bebês no intuito de favorecer uma atmosfera de atenção, escuta e disponibilidade, portanto, prevê atitudes que ofereçam respostas às necessidades dos bebês e envolvam uma responsividade, em ações de comprometimento com ele. (Guimarães, 2008). A compreensão de cuidado, que norteia o estudo, aponta para a dimensão existencial deste conceito que vem ao encontro da concepção de educação como oportunidade de abertura ao diálogo e às experiências compartilhadas entre a criança e o adulto. Isto é, cuidado entendido como algo que vai além das ações “mecânicas”, caracterizadas por disciplinarização e controle sobre os corpos dar banho, alimentar, trocar fraldas, como meras exigências técnicas e rotineiras somente.

Nesta perspectiva, as situações de cuidado, são momentos ricos de interação entre o bebê e o adulto, pois possibilitam e promovem o contato direto entre os dois, nos momentos de trocas de fraldas, banho, alimentação e sono. Nessa relação de proximidade, constroem vínculos importantes constituídos a partir do olhar recíproco e da voz de quem comunica ao bebê a todo momento a satisfação em cuidá-lo, bem como traduz suas reações e oraliza ao bebê tudo o que está acontecendo durante esses momentos.

É importante considerar que a qualidade dos cuidados deverá estar presente, sobretudo, na dimensão subjetiva da relação, ou seja, na maneira como o bebê é tocado, a forma como as palavras são pronunciadas para ele (altura e tom de voz), como seus gestos e expressões vão sendo traduzidos pela educadora na relação, fazendo com que a comunicação entre eles se efetive concretamente. (Tardos, 2022).

A concepção de bebê-sujeito na abordagem Pikler orienta para a organização do tempo. Nesta é essencial que o adulto desenvolva cada vez mais a consciência de que está diante de uma pessoa que se manifesta. À medida que a rotina vai sendo incorporada ao dia a dia do bebê, os convites feitos pela educadora durante as trocas afetivas, por exemplo, solicitações para que mude de posição durante uma troca, estique o braço, para facilitar o vestir ou o despir, são tempos sutis e simultaneamente delicados que, paulatinamente, vão sendo incorporados pelo bebê no nível de sua compreensão.

Desta forma, sua participação ficará cada vez mais ativa e consciente neste processo e, assim, a construção da autonomia será propícia, pois, quando essas ações são reiteradamente repetidas pela mesma educadora, comunicam para o bebê que existe uma relação de respeito, na qual ele tem espaço e protagonismo para “ser”.

As atividades de cuidado pessoal devem permitir ao bebê conhecer e diferenciar as pessoas adultas que se ocupam dele, bem como construir com ele uma relação afetiva real e significativa e assim contribuir para que tome consciência de si mesmo. O adulto torna-se referência para o bebê.

No que tange às relações, são importantes: atenção cotidiana dedicada aos bebês de modo a proporcionar-lhes bem-estar e conforto; responder às suas necessidades de alimentação e higiene; suscitar no bebê prazer pela atividade que lhe é proposta em decorrência da autonomia que esta lhe proporciona. As relações estabelecidas precisam promover o prazer que o bebê experimenta ao manipular, manejar e fazer coisas por si mesmo. É indispensável assegurar tempo e espaço para o agir do bebê, oportunizando-lhe sentir prazer nas experiências e na apropriação das competências que vai galgando por meio do movimento livre.

Portanto, as relações entre a educadora e o bebê devem refletir a consciência permanente de que ele é sensível a tudo o que lhe acontece e não pode ser manipulado com base no que é confortável apenas para a educadora.

De acordo com Falk (2022), na atividade da criança, o adulto é mediador, cria condições de equilíbrio para o desenvolvimento emocional, afetivo, psicomotor e intelectual. Para a autora, o vínculo saudável e estável e a segurança afetiva, construída a partir das relações, são fundamentais na construção do sentimento de competência pela criança, o qual se constrói nas relações com o adulto e pela atividade autônoma. Observar a

ação do bebê é imprescindível para responder aos gostos e às possibilidades de experimentação em função do tempo de vida em que ele se encontra.

Outro aspecto considerado pela autora é a atitude respeitosa com os ritmos de desenvolvimento de cada criança, que consiste em deixar livres todos os seus movimentos espontâneos sem ensinar-lhe qualquer movimento que seja. Isso implica nunca a criança ser colocada numa situação que não domina por si mesma, nem ser estimulada a realizar performance que vá além das suas possibilidades (Falk, 2022).

Em síntese, conforme a referida autora, é fundamental que o *relacionamento* na vida dos bebês seja um “sistema estável de vínculos interpessoais” [...]. Reitera que: “... essa estabilidade dá à criança a possibilidade de se sentir num estado de segurança afetiva que lhe permite estar aberta ao mundo exterior que ela buscará conhecer” (Falk, 2022, p. 33).

A estabilidade se traduz nas práticas sociais que têm nas relações humanas seu eixo central. A atenção cotidiana, o tratamento personalizado, a observação, a escuta dispensada pelo adulto, permitem que o bebê, ao seu modo, compreenda que os toques e sensações vão sendo discriminados por ele à medida que vai percebendo quem ele é, o que está acontecendo com ele, em que ambiente ele se encontra.

O esforço que o bebê faz em se mover quando tenta alcançar um objeto, por exemplo, são formas de expressar sua potencialidade num ambiente que promove a estabilidade. Emocionalmente fortalecido o bebê terá mais condições de expressar cada vez mais e de forma mais evidente sua participação não só nos momentos de cuidado, mas, irá ajudá-lo a se perceber como pessoa em sua integralidade, descobrindo suas mãos, braços, pés, à medida que vai desenvolvendo sua capacidade motora. Isto tudo envolto a uma rotina organizada e prazerosa para que aos poucos, o bebê vá tomando consciência de si mesmo, se situando nos diferentes espaços sociais e materiais, reconhecendo e, paulatinamente participando dos diversos momentos e situações vividas por ele.

Esta compreensão acarreta implicações educativas, pois, ainda que cotidianamente essa relação possa, às vezes, ser percebida como uma ação sem intencionalidade, ela exige maior atenção no sentido de se perceber as minúcias dessa ‘trama relacional’ (Coutinho, 2012), dando visibilidade a sua potência educativa. O bebê não é somente sujeito da ação do

outro, mas sujeito de ações. Nas relações com seus pares e com os adultos, os bebês usam de seu corpo como linguagem.

Ratificando, pelo corpo, os bebês se comunicam e relacionam-se com o mundo, e é também por meio dele que a professora responde às demandas expressas pelos pequeninos. Logo, há potência nas ações sociais do bebê, especificamente as ações de brincadeira, de interação e de comunicação, as quais são momentos ricos de encontros e trocas fundamentais para o processo de socialização e constituição dos bebês. O reconhecimento dessa potência é central nas relações que constituem a docência com /para bebê na creche.

Portanto, as situações de cuidado são constituidoras da ação educativa no berçário, não apenas pelo fato de os bebês dependerem dos adultos para sua sobrevivência, mas também pela disponibilidade do adulto em corresponder com todos os sentidos, para conhecer e compreender o que os pequeninos desejam comunicar e a eles responder responsivamente, o que é essencial para contribuir com o processo de humanização e emancipação dos pequeninos.

Nesta compreensão, a dependência dos bebês em relação aos adultos e as demandas de cuidado não devem ser encaradas como fragilidades geradoras de impotências, mas como abertura de possibilidades de encontro e aprendizado. Ratificando, cuidar é necessariamente uma atividade relacional e, portanto, educativa. Nessa perspectiva, Guimarães (2008) assinala que o adulto não dirige a criança, porém a incentiva a se dirigir, tomar iniciativa, fazer escolhas, isso exige relações intencionais permeadas pelo respeito a cada tempo de vida e manifestações dos bebês.

O debate apontado na literatura valida a importância da reflexão sobre as infâncias vividas pelos bebês na creche a partir das ações de cuidado e a centralidade que as relações ocupam nessas ações. Assim, este artigo pretende refletir sobre as infâncias vividas pelos bebês no cotidiano deste espaço, mediante as vozes das professoras.

Metodologia

A trajetória metodológica da pesquisa tem suas bases na formação dialógica, na partilha de conhecimentos entre formadores e formandos, pois ambos participam de um mesmo processo de aquisição de conhecimentos, em que os sujeitos são professoras

detentoras de saberes e experiências. A pesquisa fundamentou-se na concepção de diálogo de Freire (1996;2011) por evidenciar os saberes docentes que orientam a prática pedagógica na pequeníssima infância, além de (res)significar concepções e práticas relacionadas ao bebê e à docência com/para ele.

Não podemos falar de diálogo sem falar de uma escuta aberta à sensibilidade e ao respeito às múltiplas e plurais realidades vividas por quem conosco dialoga, por conseguinte, o diálogo freireano está permeado de humildade. Na perspectiva de Freire, o diálogo não se fundamenta pelo esvaziamento, superposição ou apagamento de um sujeito em detrimento de outro, mas, como o autor enfatiza, dá-se com a afirmação de ambos, comprometidos que estão com sua própria realidade e identidade. (Freire, 2011).

A educação dialógica, defendida por Freire (1992), é política, por isso não acontece no vazio, em um espaço aberto onde não se estabeleçam regras, parâmetros, contextos. “Para alcançar os objetivos da transformação [...] implica responsabilidade, direcionamento, determinação, disciplina, objetivos” (Freire; Shor, 1992, p. 127).

A partir desse pressuposto, optou-se por utilizar como estratégia metodológica a abordagem colaborativa defendida por Ibiapina (2008). Ela concilia duas dimensões da pesquisa em educação: a construção de saberes e a formação continuada de professores. Nesta abordagem, o pesquisador trabalha na pesquisa e na formação. Nesse sentido, a pesquisa se caracterizou por uma investigação que supera a ideia de investigar sobre o professor para uma investigação com o professor, a fim de contribuir para que os docentes se reconheçam como produtores de conhecimentos.

A fonte de informações para a produção deste artigo é decorrente do projeto de pesquisa-formação “Saberes constitutivos da docência com bebês: o lugar das vozes das professoras na pesquisa e na formação”, desenvolvida nas dependências da Universidade Federal do Pará (UFPA), no ano 2019, com a participação de professoras de berçário que atuavam na docência com bebês na rede pública do município de Belém e Ananindeua e quatro pesquisadores da UFPA e duas bolsistas, estudantes de pedagogia da UFPA.

Para o alcance dos objetivos desta pesquisa, utilizaram-se as vozes de dez professores de berçário da rede pública do município de Belém e Ananindeua. Esses registros gravados, transcritos e, posteriormente, analisados para este estudo, foram obtidos em dez encontros formativos realizados no ano de 2019.

Com a orientação teórico-metodológica de análise de conteúdo de Bardin (2002), o material coletado a partir das vozes dos sujeitos da pesquisa foi organizado em três categorias, a saber:

Relações de afeto entre professoras e bebês: esta categoria tem como eixo central as relações reveladas por meio do contato físico, olhar, sorrisos, abraços, toques, e a forma como a professora interpreta e dá sentido às manifestações dos bebês. A comunicação emocional e afetiva nas ações de cuidado ultrapassa o contato físico e se amplia de forma integral em sentidos e significados, subjetividades e materialidades. Essa complexa trama sutil constrói o elo forte e saudável entre o profissional (adulto) e o bebê. A professora cria condições para que as relações de cumplicidade e confiança se estabeleçam;

Bebê sujeito das ações sociais: esta categoria evidencia a capacidade de o bebê participar ativamente por sua própria iniciativa das ações em seu cotidiano. O bebê se comunica principalmente usando seu corpo e a professora entende e corresponde. Seus gestos e expressões vão sendo traduzidos pelo adulto na relação, o que garante o diálogo real entre o adulto e o bebê; a capacidade de o bebê interpretar o que o adulto comunica, antes de falar utilizando os recursos que estão ao seu alcance e que ele/ela já aprendeu a evocar estabelecendo uma intenção em suas interações;

Tempo para cooperar: nesta categoria o tempo assume a centralidade. O tempo de *estar com* o tempo do respeito às respostas do bebê. Tempo flexível e de qualidade porque exige confiança e paciência por parte do adulto, tempo que promove sentimento de competência no bebê e qualidade na relação. O tempo é valorizado para que o bebê possa cooperar dentro de seu ritmo e maturidade emocional e psíquica.

Embora as categorias estejam apresentadas separadamente, as discussões transitam de modo articulado.

Resultados e discussões

Os bebês no cotidiano da creche, quando acolhidos como sujeitos, constroem com os adultos vínculos seguros e estáveis que conduzirão as *relações de afeto entre professoras e bebês*, intimamente ligadas à compreensão de bebê potente, *sujeito das ações sociais*. O bebê e o mundo dialogam em reciprocidade, portanto, considerar aspectos físicos do espaço e o meio social, as influências e os conhecimentos culturais, a linguagem e as pessoas de seu entorno, são dimensões imbricadas.

Nesta concepção, as ações de cuidado devem ser permeadas pela delicadeza dos gestos, preocupação em garantir a participação do bebê e *tempo para ele cooperar* ativamente. Para isso, é necessário o adulto previamente anunciar ao bebê, de modo verbal, o que irá acontecer, proporcionando atenção constante, respeito ao seu tempo de vida e às características presentes no desenvolvimento humano.

O vínculo de qualidade entre professora-bebê e a singularidade com que o bebê se manifesta pode ser visualizado no fragmento abaixo:

[...] uma bebezinha que aprendeu a andar há uns 4 ou 5 meses chegou sorrindo, eufórica, chega o corpo dela estava assim enrijecido. Sabe quando está assim, excitado, extasiado? Aí ela virou pra mim e encostou em mim e puxou na minha mão pra eu me abaixar. Eu me abaixei e ela se sentou no meu colo, aí aquilo assim, foi tão forte. Eu abracei e disse: você estava com saudade do meu colo [risadas]. Aí ela me abraçou. (P1).

O acolhimento da professora, manifesto por meio do corpo e das palavras, evidencia sua compreensão sobre a importância do vínculo saudável e a segurança afetiva na construção das relações seguras e estáveis entre adulto e bebê, o que reforça a atitude sensível ao responder ao bebê. Ratifica também a importância do olho no olho, do sorriso, das expressões, aspectos sutis e relevantes, inerentes à docência com bebês, que nem sempre são reconhecidos como essenciais nas relações, entretanto afetam o processo de constituição humana dos pequeninos.

Portanto, para a construção dessas relações o adulto precisa responder de maneira responsiva às manifestações do bebê que se materializam nas relações intencionais de qualidade permeadas pelo respeito ao que é próprio do tempo de vida do bebê.

A verbalização da professora apresenta pistas sobre as infâncias vividas pelos bebês na creche: um adulto atento àquilo que vem do bebê se mobiliza para atender às suas necessidades e potencialidades, acolhendo-as e adequando às situações de cuidado vividas no cotidiano da instituição. Esta disponibilidade da professora, além de promover relação de confiança, apresenta-se como uma conduta pedagógica que contribui para o bebê se conhecer e utilizar ferramentas de que dispõe para se organizar internamente. Portanto, quando a professora acolhe, dá sentido e responde adequadamente às manifestações do bebê, ele vive a experiência da competência, e, constrói sentimentos de segurança que são a base da constituição do seu “Eu” (Falk, 2022, p. 40).

Mas, como dar sentido e responder às manifestações dos bebês? Tardos e Szanto (2021) apontam que, para que a vida dos bebês e dos educadores seja ativa e satisfatória, a criança deve gozar de liberdade de movimentos e ter algo com que se ocupar, respeitando a etapa de seu desenvolvimento. Isto requer, por parte do educador, observação constante e sistemática.

O sentimento de competência que o bebê vai desfrutando à medida que tem liberdade para mover seu corpo e entreter-se com objetos que chamem sua atenção possibilita qualidade ao seu desenvolvimento e a estrutura emocional propícia à construção de sua autonomia que, em um ambiente pensado, planejado e organizado pelo educador para atender as especificidades e singularidades de um bebê em especial, e, ao mesmo tempo de um determinado grupo, possibilitam “desenvolver e confirmar a consciência de sua identidade pessoal, da sua integridade individual e de sua autoestima.” (Falk, 2022, p. 42).

Ao entender que o bebê é sujeito de suas ações e colaborador dos processos de cuidado, nem a professora, nem o bebê estarão sozinhos e o fazer docente torna-se “mais leve”. Em relação a este aspecto, segue o relato da professora P2:

Na minha experiência tenho percebido que se tu vai ser-com ele, vai interagir com ele, não de forma automática, nem o professor, nem o bebê estarão sozinhos. Quanto mais envolvimento com ele, quanto mais afeto, quanto mais entrega, mais leve fica o trabalho. Mas, se o professor encher a cabeça só com o fazer, e não com o ser, vira fardo, vira quantidade, só vai ver quantidade, tem que dar quinze banhos, tem que trocar quinze fraldas, tem que pentear quinze, tudo vai virar quantidades. [Sic] Mas quando tu te entrega pra ti não fazer, mas ser-com eles, tu vai ser-com eles, tu vai trocar com eles, tu vai te divertir com eles, tu vai aproveitar cada atividade ali, cada situação para interagir com ele, e ele vai cooperar contigo. [Sic] [...] a gente não precisa ensinar bebê! É do bebê o desejo de experimentar e ao experimentar eles aprendem [...] estão muito abertos para aprender a se tornarem humanos. (P2).

A professora considera as ações de cuidados pessoais dos bebês como um momento marcado pelo encontro (da professora e do bebê) para “fazer com” e não “fazer para”. Podemos inferir que a professora, ao reconhecer o bebê como sujeito, irá criar condições para que o bebê possa fazer por si mesmo, valorizando as experiências vividas por ele como fundamentais no seu processo de constituição. Portanto, não irá olhar para o bebê como sujeito da ação do outro, mas sujeito de ações.

Especificamente nos momentos de cuidado pessoal, quando ocorrem as trocas de fraldas, o banho, a alimentação, o sono, quando é assegurado tempo para que o bebê participe respondendo às solicitações indicadas pelo adulto, como mudar de posição durante a troca, esticar o braço, para facilitar o vestir ou o despir, pressupõe-se uma participação ativa do bebê nesta ação. Ao experimentar esse lugar de bebê-sujeito sua participação ficará cada vez mais ativa e consciente, o que favorece a ele segurança e autonomia (Falk, 2022).

Neste sentido, reafirma-se que as ações de cuidado se caracterizam pela atenção, escuta aos bebês, bem como pela reflexão sobre as ações realizadas e a sensibilidade em relação ao outro, portanto, é uma dimensão importante em todas as iniciativas de formação humana. Em acréscimo, quando se compreende o bebê como um sujeito potente a ação docente é marcada pelo envolvimento, pela entrega e a ação educativa se materializa por meio de trocas, de encontros, de prazer e bem-estar para os pequeninos, mas também para a professora.

Para que o bebê possa realizar suas explorações e pesquisas nas situações de cuidado, é fundamental refletir sobre a qualidade do tempo a ele disponibilizado.

[...] quando tu dizes: eu acho que meia hora não é suficiente para o banho, então vou destinar uma hora para o banho, porque tu não 'tá' perdendo meia hora, ao contrário, tu estás ganhando meia hora. Porque você está se dedicando naquele momento para estar com o bebê. [...] tem dia que vai ser meia hora, tem dia que vai ser uma hora. [Sic] (P3).

A manifestação da professora indica que o respeito às singularidades do bebê aponta para a necessidade da construção de rotinas, as quais tomam por referência o bebê e não a rotina institucionalizada. Os momentos mais importantes e íntimos da relação entre o bebê e o adulto são aqueles de cuidado corporal. Quando nesta experiência há tempo suficiente para o bebê cooperar, ele torna-se sujeito participante ativo e não objeto passivo e manipulado, o que irá reafirmar para o bebê o sentimento de potência.

Para tanto, é indispensável garantir no planejamento tempo para que o bebê participe. O tempo, flexível e de qualidade, é necessário para que o professor se organize para estar com o bebê nas diversas situações, mas particularmente nos momentos de

cuidado pessoal, pois estes são os que ocupam a maior parte do tempo na instituição e possibilitam o contato individual do adulto com o bebê (Duarte, 2012).

A análise das manifestações das participantes da pesquisa nos revela a importância da educadora no processo de significação e constituição do sujeito-bebê, pois esta, ao estar verdadeiramente interessada pelo que o bebê faz, pelos seus movimentos, tudo isso se torna pista comunicativa e sugestiva para que a educadora, como parceira mais experiente, utilize-se de recursos para interpretar e dar sentido às manifestações do bebê. Da mesma forma, colabora para que o bebê se organize internamente à medida que ele se mantém atento e concentrado, ou seja, favorece a melhor identificação de suas necessidades, fazendo com que o bebê aprenda a expressá-las de forma diferenciada, manifestando o que lhe satisfaz, a partir da progressiva evolução de seus atos e os resultados ou consequências advindas destes. (Tardos ; Szanto, 2021).

As reflexões acerca das infâncias vividas pelos bebês na creche apontam ser crucial assegurar tempo e espaço para o agir do bebê, bem como para a criação de vínculos positivos que são centrais no processo de constituição humana. Reafirma-se assim a importância das interações para o bebê se relacionar socialmente.

Portanto, se os bebês tiverem segurança afetiva, tempo e espaço suficiente, ambiente rico e variado que o provoque a agir, roupas adequadas que não restrinjam os seus movimentos, adultos que lhe deem segurança, o desenvolvimento do bebê vai ocorrer. Ou seja, não precisamos ensinar o bebê a rolar, sentar-se, engatinhar, subir, descer, escalar, andar. Se lhe é assegurada estabilidade, ele estará pleno para a atividade autônoma e o desenvolvimento das suas capacidades motoras.

Então, a função do adulto é oferecer estabilidade para o bebê por meio da rotina, dos objetos, da organização do espaço e da pessoa que oferece os cuidados físicos para o bebê. Quanto menos surpresas, menos mudanças na rotina, mais ele pode brincar com tranquilidade e movimentar-se (Appell e David, 2021). Essa presença presente do adulto oferecendo ao bebê desafios possíveis para ele é que faz com que o bebê se desenvolva de forma plena e saudável.

Assim, para que o bebê possa viver uma infância plena é imprescindível que o adulto crie mecanismos de um novo modo de escutar, ver e relacionar-se com os bebês num caminho humanitário e ético. Realizar tais feitos não é algo tão simples. É necessário que

haja, por parte do professor um incômodo, uma inquietação permanente, uma insatisfação pulsante em relação ao seu trabalho com bebês e na interação com eles. Este talvez seja o primeiro passo ético para que esse “novo modo de ver, escutar e relacionar-se” passe a fazer um sentido mais humano. Uma trajetória que envolve, ao mesmo tempo, um mergulho para dentro de si mesmo, afinal de contas todos nós já passamos pela experiência de ser um bebê e herdamos muitas marcas, nem sempre positivas, desse momento.

Paralelamente, é fundamental um mergulho para fora, para as pesquisas com bebês, para as experiências exitosas, buscando dialogar com outros profissionais a fim de encontrar o fio condutor que nos reconecte a nós mesmos. Esse pode ser o começo de um novo percurso.

Considerações finais

As reflexões produzidas, a partir das vozes das professoras, revelaram uma compreensão de bebê enquanto sujeito potente e protagonista nas ações de cuidado. Também evidenciaram que as relações são centrais na docência com bebê, e essenciais no processo de constituição do ser humano.

Quando adentramos às minúcias e sutilezas constituintes da relação adulto-bebê, as reflexões apontam que a infância vivida por ele está intimamente ligada à compreensão de quem ele é e como se desenvolve, e esta não pode ignorar ou desconsiderar as especificidades e singularidades por ele expressas das mais diversas formas.

Para além dessa compreensão, as creches são marcadas pelo processo histórico que reduziu o seu trabalho à assistência, caracterizada por um modelo homogeneizador de cuidado com ações mecânicas e de controle sobre os corpos – dar banho, alimentar, trocar fraldas, como meras exigências técnicas, desconsiderando o bebê e as especificidades do seu processo de constituição humana, como apontado acima.

Nesta perspectiva, a referência para a organização do trabalho docente é a rotina institucionalizada. Contudo, para assegurar o direito à infância, o cuidado deve perpassar pelos modos de olhar o bebê e compreendê-lo. Para tanto, o tempo destinado às relações entre bebê e adultos, durante as situações de cuidado, filtra e transforma as rotinas mecanizadas pela rigidez institucional em experiências únicas e inéditas para ambos.

Constatamos que, apesar da crescente produção acadêmica do conhecimento sobre o bebê e a docência com e para eles, este não tem se materializado no cotidiano. O hiato

entre a produção acadêmica e os saberes das professoras (nem sempre valorizados) tem se traduzido em dificuldade para a (re)construção de novas perspectivas para o trabalho na creche.

Pelo fato de as professoras serem detentoras de saberes, trazer para esta pesquisa as suas vozes configurou uma possibilidade de superação desse hiato. Ao assegurar espaço para elas partilharem saberes e articulá-los com o conhecimento teórico produzido academicamente sobre o bebê e a sua educação, essas reflexões ampliaram a temática discutida, traduzindo-se no empoderamento das docentes por meio da apropriação de conhecimentos fundantes para a profissionalidade da docência com/para o bebê.

Apesar de inúmeras interferências na prática docente, sem dúvida, a valorização da diversidade de saberes, o acesso a novos conhecimentos, a reflexão sobre as práticas e atitudes investigativas sobre o fazer docente que geraram formulações teóricas, bem como a construção de novos saberes contribuíram e irão contribuir com a construção de práticas que respeitem o que é próprio do tempo de vida do bebê e a maneira como ele vive a sua infância no espaço da creche.

Referências

APPELL, David. **Maternagem Insólita**. 1. ed. São Paulo: Omnisciência, 2021 - (Coleção infância educar de 0 a 6 anos).

BARDIN. Laurence. **Análise de conteúdo**. 3. ed. Lisboa: Edições 70. 2002.

COUTINHO. Ângela Maria Scalabrin. O Corpo dos Bebês como Lugar do Verbo. In: ARROYO; SILVA. (Orgs). **Corpo Infância**: exercícios tensos de ser criança por outras pedagogias dos corpos. Petrópolis: Vozes, 2012.

DUARTE. Fabiana. Professoras de bebês: as dimensões educativas que constituem a especificidade da ação docente. **Congresso de Educação Básica**: Aprendizagem e Currículo, Florianópolis, SC, 2012.

FALK, Judit. A estabilidade por meio da continuidade e qualidade dos cuidados e das relações. In: FALK, Judit (Org.). **Abordagem Pikler**: educação infantil. Tradução Guillermo Blanco Ordaz. São Paulo: Omnisciência, 2022 - Coleção primeira infância: educar de 0 a 3.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e Ousadia**: o cotidiano do professor. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Paz e Terra, São Paulo, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 17. ed - São Paulo: Paz e Terra, 2011

GUIMARÃES, Daniela de Oliveira. **Relações entre adultos e crianças no berçário de uma creche pública na Cidade do Rio de Janeiro: técnicas corporais, responsividade, cuidado**. 222 f. Tese (Doutorado) Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

IBIAPINA, Ivana Maria Lopes de Melo. **Pesquisa Colaborativa: Investigação, formação e produção de conhecimentos**. Editora: Liber, 2008.

TARDOS, Anna; SZANTO, Agnés. O que é a autonomia na primeira infância? In: FALK, Judit (Org). **Educar os três primeiros anos: a experiência Pikler-Lóczy**. 3ª ed. São Carlos: Pedro e João Editores, 2021.

TARDOS, Anna. A mão da educadora. In: FALK, Judit (Org). **Abordagem Pikler: educação infantil**. Tradução Guillermo Blanco Ordaz. São Paulo: Omnisciência, 2022 - Coleção primeira infância: educar de 0 a 3.

BAHIA, Celi; MOCHIUTTI, Solange; SILVA, Margarida. **Saberes constitutivos da docência com bebês: o lugar das vozes das professoras na pesquisa e formação (Projeto de pesquisa)**. PROPESP/ UFPA- 2019.

Sobre as autoras

Celi da Costa Silva Bahia

Doutora em Teoria e Pesquisa do Comportamento Humano pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Professora no Curso de Pedagogia do Instituto de Ciências da Educação da UFPA. Coordenadora e professora do Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil, do estado do Pará. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em Infância e Educação Infantil-IPE. Coordenou projetos relacionados à Educação infantil. Tem projeto de pesquisa cadastrado no CNPQ “Educação de bebês em ambientes coletivos”. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3104-2647>. E-mail: celibahia@yahoo.com.br

Solange Mochiutti

Mestre em Educação pela Universidade Federal do Pará. Atuou como docente do Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil (MEC/UFPA/ICED). Integra o Grupo de Estudos e Pesquisas em Criança, Infância e Educação Infantil (IPE/ICED/UFPA). Seus estudos e pesquisas direcionam-se para a criança, infância e educação infantil, em especial, o brincar como linguagem prioritária da criança; linguagem oral e linguagem escrita e os modos de apropriação pela criança. Email: solange.mochiutti@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5085-0260>

Margarida Maria de Almeida Rodrigues da Silva

Professora da Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará (EAUFPA). Mestre em Educação pela Universidade do Estado do Pará - UEPA. Coordenadora do Projeto de Pesquisa “O corpo, a natureza e o brincar: a descoberta do mundo sob a lógica da criança.” Integra o grupo de estudos e pesquisas em criança, infância e educação infantil - IPÊ. Na pesquisa acadêmica os estudos e produções têm foco nas infâncias e crianças com ênfase nas interações e brincadeiras. E-mail: margomargozill@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-8605-9356>

Recebido em: 03/07/2024

Aceito para publicação em: 03/08/2024